

HETTY





**A**lguma coisa. Longe, no vasto horizonte. Entre as árvores, movendo-se onde o mato se concentra. Vejo-a do telhado, perceptível na forma como a vegetação rasteira se curva à sua volta enquanto ondula ao ritmo do oceano.

A julgar pelo tamanho, terá de ser um coiote: um dos grandes, daqueles que nos dão pelo ombro, com dentes que encaixam como facas na palma da minha mão. Sei porque encontrei um, uma vez, entalado na cerca. Trouxe-o comigo e escondi-o debaixo da cama.

Mais um movimento através dos arbustos e volta a parar. Do outro lado do telhado, a Byatt baixa a arma e encosta-a ao parapeito. A estrada está desimpedida.

Mesmo assim, mantenho a minha arma erguida, por precaução, aproximando o olho esquerdo da mira. O meu outro olho está morto, cegou num dos últimos surtos. Só me restam as pálpebras fundidas uma na outra, ao mesmo tempo que sinto alguma coisa totalmente desconhecida a crescer por baixo delas.

É assim com todas nós, aqui. Somos doentes, estranhas e não sabemos porquê, com coisas a irromper subitamente de dentro de nós, pedaços em falta e peças pendentes. Depois, endurecemos e alisamos.

Pela mira, com o sol do meio-dia envolvendo o mundo, vejo a floresta que se estende até ao fim da ilha, com o oceano mais além. Os pinheiros formam um aglomerado denso, como sempre, erguendo-se muito acima da casa. Aqui e ali, existem pequenos vales onde carvalhos e bétulas terão deixado cair as folhas, mas a maior parte das copas é compacta, com agulhas endurecidas pelo gelo. Só a antena do rádio passa acima delas, inútil agora que o sinal se extinguiu.

Alguém grita, estrada acima, e, entre as árvores, o Turno do Barco volta para casa. São poucas as que conseguem fazer a viagem, atravessando a ilha até onde a Marinha entrega rações e roupa, no cais a que os barcos costumavam chegar e de onde costumavam partir. As restantes ficam atrás da cerca, sempre a rezar para que as outras consigam voltar para casa a salvo.

A mais alta, a professora Welch, para no portão e ocupa-se com a fechadura até este se abrir finalmente e o Turno do Barco entrar, cambaleante, com bochechas coradas pelo frio. Regressaram as três, igualmente curvadas sob o peso das latas, das carnes e dos cubos de açúcar. A professora Welch vira-se para fechar o portão depois de passarem. Pouco mais de cinco anos mais velha do que a mais velha de nós, é a mais nova das professoras. Antes daquilo, dormia no nosso corredor e fechava os olhos quando alguém faltava ao recolher. Agora, conta-nos todas as manhãs para assegurar que ninguém morreu durante a noite.

## RAPARIGAS SELVAGENS

Acena, como sinal de que tudo está bem, e a Byatt retribui o gesto. Vigio o portão enquanto a Byatt vigia a estrada. Por vezes trocamos, mas o meu olho direito não vê bem ao longe, pelo que nunca dura muito. Seja como for, não deixo de ser melhor atiradora do que metade das raparigas que poderiam substituir-me.

A última rapariga do Barco sobe ao alpendre e desaparece de vista. Assim termina o nosso turno, não sem antes descarregarmos as espingardas, enfiarmos as balas na caixa para a próxima rapariga e guardarmos uma no bolso, por precaução.

O telhado inclina-se subtilmente desde o topo plano, do terceiro andar até ao segundo. Daí, penduramo-nos e entramos na casa pela janela aberta. Era mais difícil de fazer com as saias e meias que costumávamos usar, sobretudo se ouvíssemos aquela vozinha irritante dentro de nós sempre a dizer-nos que mantivéssemos os joelhos juntos. Passou muito tempo. Agora, com as nossas calças de ganga esfarrapadas, a questão já nem se põe.

A Byatt entra depois de mim, deixando mais um par de marcas no parapeito. Atira a cortina de cabelo para trás do ombro. É todo liso, como o meu, e de um castanho brilhante e vivo. Está impecavelmente limpo: mesmo que não haja pão, há sempre champô.

— Que viste? — pergunta-me.

Encolho os ombros.

— Nada.

O pequeno-almoço não foi grande coisa e sinto o tremor da fome nos membros. Sei que a Byatt sente o mesmo e não demoramos a descer para almoçar no piso principal, no salão

de tetos altos com as suas mesas inclinadas e riscadas. Temos também uma lareira e sofás de costas altas com o estofado arancado, que costumamos usar para queimar como fonte de calor. No meio de toda esta tralha, estamos nós, confiantes, vivas e a cantarolar.

//\

Havia umas 100 raparigas e 20 professoras quando tudo começou. Todas juntas, enchíamos as duas alas da velha casa. Hoje, precisamos só de uma.

As raparigas do Barco irromperam pelas portas principais, deixando cair os sacos e provocando uma corrida para a comida. Enviam-nos sobretudo latas e, às vezes, embalagens de carne seca. Raramente havia alguma coisa fresca (mesmo que houvesse, nunca seria em quantidade suficiente para todas). Num dia comum, as refeições limitavam-se à professora Welch na cozinha, destrancando o armário e distribuindo as rações mais pequenas que já se viu. Mas hoje é dia de entrega, com mantimentos trazidos às costas das raparigas do Turno do Barco, e isso significa que a professora Welch e a Reitora mantêm as mãos limpas de qualquer responsabilidade e nos deixam lutar por uma coisa para cada uma.

Contudo, eu e a Byatt damo-nos imediatamente conta de que, desta vez, não precisamos de lutar pela comida. A Reese está à porta, já com um saco posto de parte para nós. Se outra pessoa o fizesse, haveria protestos, mas é a Reese. Basta olharem para a sua mão prateada e coberta de escamas para se calarem.

## RAPARIGAS SELVAGENS

Foi a última a adoecer. Pensei que tivesse escapado, que talvez estivesse a salvo, até começarem a aparecer as escamas, cada uma de um prateado inconstante, saindo-lhe da pele como se viessem de dentro dela. A mesma coisa tinha acontecido a uma das outras raparigas do nosso ano, que as viu alastrarem-se-lhe pelo corpo inteiro e tornarem-lhe o sangue-frio até não acordar. Pensámos que a Reese estivesse condenada ao mesmo fim, por isso foi levada para cima, esperando a morte, o que não veio a acontecer. Num dia, estava enfiada na enfermaria e, no seguinte, voltou para junto de nós. A sua mão esquerda é uma coisa selvagem, mas continua a ser dela.

A Reese rasga o saco e deixa que eu e a Byatt vasculhemos o interior. Tenho o estômago a roncar e sinto água na boca. Qualquer coisa, aceito qualquer coisa. Mas calhou-nos um saco mau. Sabonetes. Fósforos. Uma caixa de canetas. Uma caixa de balas. E depois, no fundo, uma laranja... uma laranja a sério, apenas com um princípio de podridão na casca.

Disputamo-la. A mão prateada da Reese prende-me o colarinho e sinto o calor avivando-se por baixo das escamas, mas consigo derrubá-la no chão e acabo por pressionar o joelho sobre a cara dela. Faço força e prendo o pescoço da Byatt entre o meu ombro e o antebraço. Uma delas pontapeia-me, mas não sei qual das duas. Atinge-me na nuca e tombo contra os degraus, estalando o nariz contra o vértice de um deles. A dor torna tudo branco. À nossa volta, as outras raparigas gritam, formando um círculo.

Alguém me prendeu o cabelo no punho e sinto um puxão. Como resposta, torço-me o mais que consigo e mordo os

tendões salientes, fazendo-a ganir. O meu aperto afrouxa ao mesmo tempo que o dela e afastamo-nos uma da outra.

Limpo o sangue do olho. A Reese está a meio das escadas, com a laranja na mão. Venceu.



Chamamos-lhe Tox e, durante os primeiros meses, tentaram transformá-la numa disciplina. Deram-lhe o nome de Surtos Virais nas Civilizações Ocidentais: uma História. «Tox» é um radical nas Línguas Latinas. Regulamentações Farmacêuticas no Estado do Maine. Escola continuou como sempre, com professoras à frente do quadro e com manchas de sangue na roupa, marcando testes como se fôssemos ainda ali estar na semana seguinte. «O mundo não acaba», disseram elas, «e a vossa educação também não.»

Pequeno-almoço no refeitório. Matemática, Inglês, Francês. Almoço, práticas de tiro ao alvo. Exames médicos e primeiros socorros, com a professora Welch a ligar ferimentos e a Reitora a espetar agulhas. Juntas para jantar e trancadas para sobreviver à noite. *Não, não sei o que vos deixa doentes*, diziam-nos a professora Welch. *Sim, vão ficar boas. Sim, voltarão para casa em breve.*

Isso terminou depressa. As aulas foram sendo retiradas ao horário à medida que a Tox levava professora atrás de

professora e as regras se foram esfumando e sendo esquecidas, até restar um mero esqueleto. Mas, mesmo assim, contamos os dias e acordamos todas as manhãs para procurar câmaras e luzes no céu. As pessoas no continente importam-se connosco, é o que a professora Welch diz sempre. Importam-se desde o segundo em que a Reitora contactou Camp Nash, na costa, com um pedido de ajuda, e procuram uma cura. No primeiro carregamento de provisões que o Turno do Barco trouxe, havia uma mensagem escrita à máquina e assinada, impressa em papel timbrado da Marinha.

-----

DE: Secretário da Marinha, Departamento da Defesa, Oficial Comandante, Força de Resposta a Incidentes Químicos-Biológicos (FRIQB), Diretor de Camp Nash, Centers for Disease Control and Prevention (CCD)<sup>1</sup>

PARA: Escola Feminina Raxter, Ilha de Raxter

ASSUNTO: Procedimentos de quarentena recomendados pelo CCD

Implementação de isolamento e quarentena totais em vigor imediato. Pacientes deverão ficar limitados à escola, por motivos de segurança e para preservar as condições do contágio inicial. Passagem além da cerca da escola, exceto por equipa autorizada para recolha de mantimentos (ver abaixo) viola condições da quarentena.

---

<sup>1</sup> Centro para Controlo e Prevenção de Doenças [N.T.]

## RAPARIGAS SELVAGENS

Cessação de acesso ao telefone e à Internet pendente. Comunicação deverá passar apenas pelos canais de rádio oficiais. Revisão total de todas as comunicações em vigor. Mantimentos serão deixados no cais ocidental. Data e hora definidas pelo farol de Camp Nash.

Diagnósticos e tratamento em desenvolvimento. CCD coopera com unidades locais para encontrar uma cura. Aguardem entrega.

-----

Por outras palavras, disseram-nos para esperar e tentar não morrer entretanto. Ao início achámos que seria fácil... juntas atrás da cerca, a salvo da floresta e dos animais que, por sua vez, tinham ficado famintos e estranhos. Contudo, não paravam de cair raparigas, vítimas de surtos que deixavam os seus corpos demasiado devastados para continuarem a respirar, abrindo feridas que não saravam ou, por vezes, desencadeando uma violência febril que as fazia enfrentarem-se e lutarem umas com as outras. Continua a ser assim. A única diferença é que, agora, sabemos que tudo o que podemos fazer é cuidar de nós.

A Reese e a Byatt são minhas e eu sou delas. É por elas que rezo quando passo pelo quadro de avisos e roço dois dedos pela mensagem da Marinha que lá continua afixada, amarelada e amachucada pelo tempo. Conservamo-la como um talismã, uma recordação da promessa que nos tinham feito. A cura vem aí, desde que nos mantenhemos vivas.

A Reese enfia uma unha prateada na laranja e começa a descascá-la, enquanto eu me forço a não olhar na sua direção.

Nas raras ocasiões em que recebemos comida tão fresca como aquela, lutamos por ela com unhas e dentes, mesmo sendo amigas. É cada uma por si: ela diz que é a única maneira justa de resolver a questão. Sem esmolas, sem piedade. Nunca aceitaria a comida se não lhe parecesse merecida.

À nossa volta, as outras raparigas reúnem-se em turbilhões de riso agudo, vasculhando a roupa que sai de cada um dos sacos. A Marinha envia-nos o suficiente para todas, mas as camisas e as botas são tão minúsculas que não temos ninguém suficientemente pequeno para as usar.

E não faltam casacos. Nunca param de enviar casacos, não desde que o gelo começou a cobrir a erva. A primavera tinha começado quando a Tox atacou e, durante esse verão, ficámos bem com as saias e camisas da farda. Mas o inverno chegou como sempre chega no Maine, longo e intenso. Tivemos de manter fogueiras acesas durante o dia e os geradores fornecidos pela Marinha ligados depois de anoitecer, até uma tempestade os destruir.

— Estás a sangrar — diz a Byatt. A Reese rasga o fundo da camisa e encosta-mo à cara. Pressiono, ao mesmo tempo que sinto o meu nariz a estalar.

Ouve-se um ruído lá no alto, no patamar sobre o salão, que faz com que todas olhemos para cima. É a Mona, do ano à frente do meu, com o seu cabelo ruivo e a cara em forma de coração, que finalmente regressou da enfermaria no segundo andar. Passou lá uma eternidade, desde o surto anterior, e acho que ninguém esperava que voltasse a sair. Lembrou-me perfeitamente desse surto, bem como da forma como a cara dela fumegou e estalou nesse dia. Ainda a caminho da

enfermaria, houve quem a cobrisse com um lençol, tal como se faz a alguém que já estivesse morto.

Tinha cicatrizes cruzadas sobre as bochechas e um início de aura sobre o cabelo. A Reese também era assim, com a sua trança loura ostentando o brilho conferido pela Tox; tornou-se um traço tão seu que sobressaltava vê-lo na Mona.

— Olá — diz ela, ainda com as pernas a tremer, e as suas amigas correm para ela, cheias de mãos erguidas e sorrisos, mas mantendo distância suficiente. Não é o contágio que temem (já todas apanhámos o que quer que seja), mas receiam voltar a vê-la ir-se abaixo. Sabem que, um dia, em breve, sere-mos nós. Sabem que tudo o que podemos fazer será esperar para sobreviver.

— Mona — dizem as amigas —, que bom que estás bem. — Apesar das suas palavras amáveis, vejo como se calam e se afastam dela durante as últimas horas do dia, deixando a Mona abandonada no sofá enquanto olha fixamente para os joelhos. Deixaram de ter espaço para ela. Habituaram-se à sua ausência.

Olho para a Reese e para a Byatt, que se entretêm a pontapear a mesma farpa num degrau. Acho que nunca conseguiria habituar-me a viver sem elas.

A Byatt levanta-se com a testa franzida de uma maneira estranha.

— Esperem aqui — diz, aproximando-se da Mona.

Falam as duas durante um minuto, com a Byatt inclinada para falar ao ouvido da Mona e com o brilho do cabelo da Mona refletido na pele da Byatt. A seguir, a Byatt endireita-se e a Mona pressiona o polegar contra o interior do antebraço

dela. Sobressaltam-se as duas. É quase impercetível, mas pouca coisa me escapa.

— Boa tarde, Hetty.

Viro-me. É a Reitora. A sua cara está ainda mais angulosa do que costumava ser. Tem o cabelo grisalho torcido num carrapito, a camisa abotoada até ao queixo e uma mancha rosada ténue à volta da boca, à conta do sangue que lhe sai constantemente dos lábios. A Tox é diferente para ela e para a professora Welch. Não as matou como às outras professoras nem mudou os seus corpos como os nossos: em vez disso, abriu-lhes chagas na língua e até hoje lhes dá uma tremedeira nos membros sem parar.

— Boa tarde — digo à Reitora. Eu sei que neste sítio se deixou que muitas coisas fossem esquecidas, mas não as boas maneiras.

Ela indica o outro lado do salão com a cabeça, onde a Byatt continua curvada sobre a Mona.

— Como está ela?

— A Mona? — pergunto.

— Não. A Byatt.

A Byatt não tem um surto desde o fim do verão, pelo que deverá ter um em breve. São cíclicos, cada um pior que o anterior, até não conseguirmos suportá-los. A verdade é que, depois do seu último surto, não consigo imaginar nada pior. Ela não parece diferente... tem apenas uma dor de garganta de que não consegue livrar-se e aquela saliência óssea que lhe desce pelas costas, com pontas rompendo-lhe a pele. Ainda me consigo lembrar, sem grande esforço, de cada segundo do maldito surto: a forma como deixou o nosso colchão velho

ensopado de sangue, que jorrou até pingar para as tábuas do soalho, por baixo do nosso beliche, bem como a forma como pareceu mais confusa do que outra coisa qualquer enquanto a pele sobre a coluna vertebral se rasgava.

— Está fina — digo. — Mas o momento aproxima-se.

— Lamento ouvir isso — diz a Reitora. Olha um pouco mais para a Mona e para a Byatt, franzindo a testa. — Não sabia que eram amigas da Mona.

Desde quando é que ela se importa com aquilo?

— Somos amigáveis, pelo menos.

A Reitora olha-me como se estivesse surpreendida por eu continuar ali.

— Encantador — diz. A seguir, começa a atravessar o salão, até ao corredor onde o seu gabinete está escondido.

Antes da Tox, era comum vê-la todos os dias, contudo, desde o primeiro dos nossos surtos, ela tanto anda às voltas, para trás e para diante, na enfermaria, como se tranca, mantendo-se colada ao rádio, sempre em contacto com a Marinha e com o CCD.

Nunca houve rede móvel aqui (as brochuras diziam que moldava o carácter) e cortaram o telefone fixo no primeiro dia da Tox, para manter as coisas confidenciais e controlar a informação. Ainda assim, podíamos ao menos falar com as pessoas pelo rádio e ouvir os nossos pais a chorar por nós, até que deixou de acontecer. As coisas espalhavam-se, disse a Marinha, e tinham sido implementadas medidas.

A Reitora não se deu ao trabalho de nos consolar. No fundo, sabíamos que tínhamos ultrapassado toda e qualquer possibilidade de consolo.

A porta do seu gabinete tinha sido fechada e trancada quando a Byatt voltou para junto de nós.

— Que foi aquilo? — pergunto. — A conversa com a Mona.

— Nada — responde ela, enquanto levanta a Reese com um puxão. — Vamos.

Raxter fica num terreno amplo, na ponta oriental da ilha. A escola é rodeada de água por três lados e o portão fica no quarto. Além dela, temos a floresta com pinheiros e abetos como os que existem à volta da escola, mas estes são emaranhados e densos, com troncos novos a crescer à volta dos velhos. O nosso lado da cerca está tão limpo e aprumado como antes... só nós é que estamos diferentes.

A Reese faz-nos atravessar o terreno até à extremidade da ilha, onde as rochas foram despidas pelo vento, aglomerando-se como se formassem uma carapaça de tartaruga. Sentamo-nos aí, lado a lado, com a Byatt no meio e a brisa gelada fazendo o seu cabelo solto dançar à nossa frente. O dia está calmo e o céu limpo, apesar de não estar azul, e não há nada à distância. Depois de Raxter, o oceano torna-se profundo, engolindo bancos de areia e puxando correntes. Não há navios nem se vê terra no horizonte: nada nos recorda que o resto do mundo continua lá, sem nós, com tudo como era antes.

— Como te sentes? — quer saber a Byatt. Sei que está a perguntar porque, há duas manhãs, a cicatriz sobre o meu olho cego abriu. É uma mazela que me ficou dos primeiros dias, uma recordação das formas como não compreendemos o que nos acontece.

O meu primeiro surto cegou-me o olho direito e fechou-o. Pensei que tivesse ficado por aí até começar a crescer alguma coisa por baixo, como se fosse uma terceira pálpebra. A Byatt achou que fosse isso. Não dóia (apesar de me dar uma comichão dos diabos), mas sentia alguma coisa a mexer-se. Foi por isso que tentei abrir o olho.

Foi estúpido. A cicatriz é prova suficiente disso, mas a Byatt diz que larguei a espingarda a meio do Turno de Tiro e comecei a arranhar a cara como se estivesse possuída por alguma coisa. No meio desse frenesim, enfiei as unhas entre as pálpebras fundidas e rasguei a pele.

A cicatriz quase sarou, mas, de vez em quando, ainda abre e escorre-me sobre a bochecha sangue rosado e aguado misturado com pus. Durante o Turno de Tiro, tenho muitas outras coisas em que pensar e não é assim tão mau, mas começo a sentir o coração bater à flor da pele. Talvez seja o frenesi uma infeção. De qualquer maneira, essa é a menor das nossas preocupações.

— Podes coser-ma? — Tento não parecer ansiosa, mas ela percebe, mesmo assim.

— Está assim tão mau?

— Não. É só que...

— Limpaste-a, pelo menos?

A Reese produz um som de satisfação.

— Disse-te para não a deixares aberta.

— Vem cá — diz a Byatt. — Deixa-me ver.

Movo-me sobre as rochas até ela ficar ajoelhada, e levanto o queixo para ela. Passa os dedos sobre a ferida, roçando-me as pálpebras. Algo se move por baixo.

— Parece doloroso — diz ela, enquanto tira uma agulha e linha do bolso. Anda sempre com aquilo, desde que o meu olho se fechou. De nós as três, é quem está mais perto dos 17 anos e, em momentos daqueles, percebe-se que é a mais velha do grupo. — Muito bem. Não te mexas.

Espeta a agulha e dói, mas é uma dor suficientemente pequena e apaziguada pelo ar frio. Tento piscar-lhe o olho e fazê-la sorrir, mas abana a cabeça com a testa franzida.

— Disse-te para não te mexeres, Hetty.

E está tudo bem. Estou com a Byatt, ela olha-me, eu olho-a e estou segura... segura porque ela está ali, até que espeta demasiado a agulha sem querer e vou-me abaixo, com o meu corpo inteiro a fraquejar. A dor é lancinante e está por toda a parte. À minha volta, o mundo evaporou-se. Sinto sangue a escorrer-me da orelha.

— Meu Deus! — A Byatt solta um silvo de surpresa. — Hetty, estás bem?

— São só pontos — diz a Reese, deitada nas rochas com os olhos fechados. A camisa subiu por ela acima e consigo ver uma faixa pálida da sua barriga, nítida apesar da minha visão alterada. Nunca tem frio, nem mesmo em dias como aquele em que as nossas respirações condensam no ar.

— Sim, não tem importância — digo, numa tentativa de desviar a sua preocupação. A mão da Reese nunca a atormenta (ao contrário do meu olho cego), pelo que contenho o arregar de lábios. Há motivos suficientes para confrontos sem discutirmos por aquilo. — Continua.

A Byatt começa a dizer alguma coisa e é nesse momento que ouvimos um grito perto do jardim. Viramo-nos para ver se alguém teve o primeiro surto. Raxter tem raparigas do 6.º ano até ao liceu. Ou tinha, porque as nossas raparigas mais novas têm 13 anos. Tinham 11 quando aquela confusão toda apareceu e começou a dilacerá-las.

Mas não há problema nenhum. É só a Dara do nosso ano, a rapariga com a membrana entre os dedos, à nossa espera no sítio onde as rochas começam.

— Tiro — grita-nos. — A professora Welch diz que está na hora do tiro.

— Vamos. — A Byatt acaba os pontos e levanta-se, de seguida estende-me a mão para me levantar. — Acabo de te coser o olho depois do jantar.

//\

Também tínhamos tiro antes da Tox. Era uma tradição que remontava aos primeiros anos da escola, mas não era como é agora. Só as mais velhas (e a Reese, a melhor atiradora na ilha, que parecia ter nascido para aquilo como parecia ter nascido para tudo o que fazíamos em Raxter) podiam ir para a floresta com o Sr. Harker para disparar contra latas de refrigerante alinhadas no chão. O resto de nós tinha uma aula sobre segurança com armas, que costumava ser um furo quando o Sr. Harker chegava invariavelmente atrasado.

Até que um dia a Tox levou o Sr. Harker, levando também a mão com que a Reese disparava, que ficou tão desfigurada até já não conseguir premir o gatilho. Gradualmente, o tiro

deixou de ser tiro e transformou-se em tiro ao alvo porque passou a haver coisas para matar. Fomos afinando a pontaria com algumas tardes de intervalo, quando o sol começava a pôr-se, uma de cada vez, disparando até acertarmos no centro do alvo.

Temos de estar prontas, diz a professora Welch, para nos protegermos a nós mesmas e umas às outras. Durante o primeiro inverno, uma raposa passou a cerca, enfiando-se entre as grades. Depois disso, a rapariga do Turno de Tiro disse que lhe lembrava o cão que tinha em casa e que foi por isso que não conseguiu disparar. Foi assim que a raposa conseguiu entrar no terreno, chegar ao pátio e encurralar a rapariga mais pequena das sobreviventes, rasgando-lhe a garganta.

Treinamos no celeiro, perto da ponta da ilha, com as suas grandes portas deslizantes abertas de cada lado para que os tiros perdidos possam voar para o oceano. Costumávamos ter quatro cavalos, mas no início da nossa primeira temporada, reparámos que a Tox começava a entrar dentro deles como entrava dentro de nós e vimos como fazia os seus ossos rasgarem a pele e como lhes esticava os corpos até gritarem. Por isso, levámo-los até ao mar e abatemo-los a tiro. As divisórias estão vazias agora e enfiamo-nos dentro delas para esperar a nossa vez. Temos de disparar contra o alvo e não podemos parar até acertarmos no centro.

A professora Welch mantém a maior parte das armas trancada num armário dentro da casa, juntamente com as balas que a Marinha começou a enviar depois de saberem do que acontecera aos animais. Por isso, só há uma caçadeira e uma caixa de cartuchos para nós, colocada sobre uma mesa

feita com cavaletes e uma placa de contraplacado fina. Não era como as espingardas que disparamos durante o Turno de Tiro, mas a professora Welch diz que uma arma é uma arma. De cada vez que a Reese a ouve, consigo ver um músculo no seu maxilar a palpitar.

Iço-me sobre a porta de uma das divisórias e sinto-a balouçar quando a Byatt salta a meu lado, enquanto a Reese se encaixa entre nós. A mão não a deixa disparar, mas vem todos os dias, tensa, silenciosa e observando o alvo.

Em algum momento, a ordem foi alfabética, mas todas perdemos coisas: olhos, mãos e eventualmente apelidos. Agora, as raparigas mais velhas disparam primeiro. É rápido, já que a maioria é suficientemente boa para acertar no centro do alvo com poucos tiros. A Julia e a Carson precisam de dois e há uma espera interminável e dolorosa enquanto a Landry dispara mais tiros do que aqueles que consigo contar. Depois, é a nossa vez. A Byatt consegue acertar à terceira tentativa. É um resultado respeitável, mas há um motivo para a destacarem para o Turno de Tiro comigo. Se ela não acertar à primeira, eu acerto.

Ela passa-me a caçadeira e sopro nas mãos para voltar a senti-las antes de a substituir, erguendo a arma até ao ombro e fazendo pontaria. Inspiro, concentro-me e expiro, ao mesmo tempo que pressiono o gatilho. O som abala-me. É fácil. É a única coisa em que sempre fui melhor que a Byatt.

— Boa, Hetty — diz a professora Welch. Alguém ao fundo do grupo repete as palavras dela, num tom de gozo que provoca gargalhadas. Faço um esgar de impaciência, deixo a caçadeira na mesa improvisada e junto-me à Reese e à Byatt na porta da divisória.

Costuma ser a Cat a seguir, mas de repente há um movimento inesperado entre as raparigas. Ouve-se um gemido e alguém empurra a Mona para o centro do celeiro. Assustada, ela cambaleia um passo ou dois e até conseguir endireitar-se, ao mesmo tempo que olha desesperada para as caras das raparigas em redor em busca de uma centelha de piedade. É sabido que não encontrará nenhuma: passámos a guardá-la para nós mesmas.

— Posso passar a vez a alguém? — pergunta, virando-se para a professora Welch. Há uma calma inabalável na cara da Mona, mas o corpo dela está agitado. Quase conseguiu, quase conseguiu passar a vez. Mas o resto de nós não deixará que aconteça, muito menos a professora Welch.

— Receio que não. — A professora Welch abana a cabeça. — Vamos.

A Mona diz mais alguma coisa, mas fala demasiado baixo para alguém ouvir e aproxima-se da mesa. A arma espera-a. Tudo o que a Mona precisa de fazer é mirar e disparar. Ergue a caçadeira e aninha-a na dobra do braço como se fosse uma boneca.

— Hoje, de preferência. — É a professora Welch quem o diz.

A Mona aponta a arma ao alvo e aproxima um dedo do gatilho. Ficamos todas em silêncio. As mãos dela tremem. De alguma forma, consegue manter a arma apontada, mas a tensão destrói-a.

— Não consigo — choraminga. Baixa a caçadeira e olha para mim.

E é nesse momento que se abrem três cortes profundos no seu pescoço, de lado, como guelras. Não há sangue, apenas

uma palpação com cada inspiração de ar, um indício de movimento por baixo da sua pele.

A Mona não grita. Não faz qualquer barulho. Apenas cai de costas, com a boca escancarada. Continua a olhar para mim, com o peito subindo e descendo devagar. Não consigo afastar o olhar enquanto a professora Welch se aproxima a correr e se ajoelha junto aos pés de Mona para lhe sentir a pulsação.

— Levem-na para o quarto — diz. Desta vez é para o quarto e não para a enfermaria, porque só as piores de nós acabam lá e a Mona esteve pior do que aquilo antes. Todas estivemos.

As raparigas do Turno do Barco, reconhecíveis pelas facas que estão autorizadas a trazer nos cintos, afastam-se das outras. São sempre elas a fazer aquilo. Pegam nos braços da Mona, levantam-na e levam-na de volta para dentro.

Atrás de si, deixam o ruído de conversas e uma passagem aberta por onde começamos a segui-las, mas a professora Welch pigarreia.

— Senhoras — diz, arrastando a palavra como costumava fazer durante as vistorias ao dormitório. — Dispensei-vos? — Ninguém responde, pelo que a professora Welch pega na caçadeira e entrega-a à primeira rapariga da ordem. — Vamos começar outra vez. Do princípio.

Nenhuma de nós se surpreende. Deixámos a surpresa em algum sítio e esquecemos onde. Por isso, fazemos fila, esperamos, damos os nossos tiros e sentimos o calor... o calor da Mona... saindo da caçadeira para as nossas mãos.

O jantar é disperso e tenso. Normalmente conseguimos, pelo menos, sentar-nos no mesmo sítio, mas hoje recebemos as nossas rações das mãos da professora Welch e separamo-nos. Algumas ficam no salão e outras na cozinha, rodeando o velho fogão a lenha, onde a última das cortinas arde para nos aquecer. Depois de dias assim e de raparigas como a Mona, afastamo-nos e pensamos quem será a próxima.

Estou perto das escadas, encostada ao corrimão. Nós as três fomos as últimas a receber comida naquele dia e quase não restava nada de jeito: apenas as pontas de um pão, ambas cobertas de um bolor viscoso. A Byatt parecia prestes a chorar quando trouxe só isso. Nenhuma de nós almoçou o que quer que fosse, não quando a Reese tinha conquistado aquela laranja com justiça. Mas, felizmente, a Carson do Turno do Barco deu-me sopa fora do prazo. Esperamos que nos passem o abre-latas para podermos comer e, até lá, a Reese está no chão a tentar dormir uma sesta e a Byatt olha para cima, conseguindo ver à justa a porta que bloqueia as escadas para a enfermaria do segundo andar.

Costumavam ser os aposentos dos criados quando a casa foi construída. Seis quartos ao longo de um corredor estreito, com um terraço por cima e o salão principal por baixo. Só é possível entrar lá usando a escada para o patamar do segundo piso e está bloqueada por uma porta baixa e inclinada.

Não gosto de olhar para ela. Não gosto de pensar nas raparigas doentes do outro lado. Não gosto que não haja espaço para todas. E não gosto que todas as portas lá em cima tranquem por fora. Não gosto que seja possível prender alguém lá dentro, se alguém quiser fazê-lo.

Em vez disso, olho fixamente o outro lado do salão, vendo as paredes de vidro do refeitório e as mesas compridas e vazias desfeitas para lenha, os talheres há muito atirados ao oceano para manter as facas longe de nós. Costumava ser a minha divisão preferida da casa. Não no meu primeiro dia, quando não tinha sítio para me sentar, mas em todos os dias seguintes, quando vinha tomar o pequeno-almoço e via a Byatt a guardar-me um lugar. Tinha um quarto só para ela no nosso primeiro ano e gostava de acordar cedo para passear pelo terreno da escola. Todas as manhãs encontrava-me com ela no refeitório e tinha uma torrada à minha espera. Antes de Raxter, comia as torradas com manteiga, mas a Byatt conseguiu convencer-me de que a compota era melhor.

A Cat faz-me sinal do outro lado e ergue o abre-latas. Afasto-me do corrimão e avanço até ela, contornando um quarteto de raparigas que formam um quadrado no chão, com as cabeças apoiadas nos estômagos umas das outras enquanto tentam contar piadas umas às outras.

— Vi que fizeste a Carson ceder — diz a Cat enquanto me aproximo. Tem o cabelo preto, muito liso e fino, e olhos escuros e pensativos. Foi das mais afetadas pela Tox, que a obrigou a passar semanas na enfermaria, com as mãos atadas para a impedir de arrancar a própria pele enquanto fervia. Ainda tem as cicatrizes, marcas brancas por todo o corpo, e bolhas que crescem e sangram todas as temporadas.

Afasto o olhar de uma bolha nova no seu pescoço e sorrio.

— Não precisei de muito. — Ela passa-me o abre-latas e enfio-o rapidamente no cós das calças, por baixo da camisa para ninguém mo roubar no caminho de volta às escadas.

— Vocês estão bem? Suficientemente quentes? — Vejo que ela só tem o forro separável do casaco da sua amiga Lindsay. Tiveram as duas azar no último sorteio de roupa e ninguém consegue manter um cobertor por perto durante muito tempo, a não ser que nunca o perca de vista.

— Estamos bem — responde a Cat. — Obrigada por perguntares. Cuidado com a tua sopa, verifica se o topo da lata não está inchado. Já temos preocupações suficientes sem termos de nos preocupar com o botulismo.

— Vou passar a palavra.

A Cat é assim, bondosa à sua maneira. É do nosso ano e a mãe é da Marinha como o meu pai. Raxter e Camp Nash são os únicos sítios onde há vida em quilómetros e, ao longo dos anos, aproximaram-se tanto que Raxter dá uma bolsa às raparigas da Marinha. É o único motivo para ambas estarmos aqui. Apanhávamos o autocarro juntas para o aeroporto no fim de cada período, ela a caminho da base em San Diego e eu a caminho da base em Norfolk. Nunca me guardou um lugar, mas, quando me sentava ao lado dela, sorria e não se importava que eu adormecesse com a cabeça no ombro dela.

Sento-me outra vez ao lado da Byatt quando ouço alarido perto da porta da rua, onde as raparigas da Landry se reúnem. É possível dividir-nos em 11 ou 12 grupos... alguns maiores, outros mais pequenos... e o grupo maior tem a Landry no centro, dois anos à frente do meu e de uma família tradicional de Boston, mais antiga até do que a da Byatt. Nunca gostou muito de nós, especialmente depois de reclamar por não haver rapazes na ilha e de a Reese a olhar com uma cara completamente neutra e dizer:

— Mas há raparigas que cheguem.

Esta resposta fez qualquer coisa dar um salto dentro do meu peito, algo que ainda consigo sentir à noite quando a trança da Reese projeta um brilho no teto. Uma ânsia. Um desejo.

Mas ela está longe demais. Sempre estive longe demais.

Alguém guincha e vemos o grupo mover-se e formar um círculo à volta de um corpo caído no chão. Curvo-me e tento espreitar. Consigo ver um cabelo castanho brilhante e um corpo frágil e anguloso.

— Acho que é a Emmy — digo. — É o primeiro surto dela.

A Emmy estava no 6.º ano quando a Tox aconteceu e, uma a uma, as outras raparigas do seu ano avançaram corajosamente pela puberdade dentro, com os seus primeiros surtos explodindo como fogo de artifício. Tinha chegado finalmente a vez dela.

Ouvimos enquanto geme, com o corpo a tremer sem controlo. Penso no que lhe acontecerá, se acontecer alguma coisa. Guelras como as da Mona, bolhas como as da Cat, talvez ossos como os da Byatt ou uma mão como a da Reese, mas, às vezes, a Tox não dá nada... apenas tira e tira, até deixar alguém vazia e mirrada.

Finalmente, silêncio, até que o grupo à volta da Emmy começa a dispersar. Parece bem para um primeiro surto. As pernas tremem-lhe enquanto se levanta e, mesmo do sítio onde estou, consigo ver-lhe as veias do pescoço, escuras contra a pele como se fossem nódoas negras.

Ouvem-se aplausos dispersos a ecoar pelo salão enquanto a Emmy sacode as calças de ganga. A Julia, uma das raparigas

do Turno do Barco, arranca um pedaço do seu pãozinho duro e atira-lho. Estou certa de que alguém lhe deixará uma prenda debaixo da almofada naquela noite. Talvez um par de ganchos para o cabelo ou uma página arrancada de uma das revistas que ainda circulam.

A Landry abraça-a e a Emmy sorri, radiante, orgulhosa por ter passado por aquilo tão bem. Penso que a atingirá mais tarde, quando a adrenalina se dissipar, quando a Landry não estiver presente para ver. A mágoa real daquilo. A mudança.

— Ainda estou rancorosa — digo. — Ninguém me deu nada no meu primeiro.

A Byatt ri-se. As suas mãos mexem-se rapidamente para abrir a lata de sopa e passa-me a tampa.

— Toma. O meu presente para ti.

Lambo a camada de mistela vegetal, enquanto ignoro a acidez. A Byatt bebe um gole da lata. Quando esvazia um terço, passa-ma. A Reese é sempre a última... A Reese, que quer fazer parte do Turno do Barco quase desde o início.

A mãe dela foi-se embora antes de eu vir para Raxter, mas conheci o pai dela, o Sr. Harker. Era o responsável pelo terreno e o faz-tudo do colégio. Vivia numa casa dentro da cerca, na ponta da ilha. Ou viveu até a Tox, a quarentena e a Marinha o terem obrigado a viver connosco. Já não vive. Foi para a floresta quando a Tox começou a afetá-lo e a Reese tenta ir atrás dele desde então.

O Turno do Barco é a única forma de fazer isso, já que não temos autorização nem possibilidade de passar a cerca. Normalmente, são as mesmas três raparigas a fazer o Turno até uma delas morrer, mas, há uns dias, a terceira rapariga,

a Taylor, disse que aquela seria a sua última viagem e que não voltaria a ir. É uma das mais velhas que resistem e sempre foi prestável, sempre acalmou toda a gente e sempre tratou os ferimentos de todas as que precisavam. Não conseguimos perceber ao certo o que a fez parar.

Há um rumor que circula pela escola. Dizem que tem alguma coisa que ver com a sua antiga namorada, a Mary, que se tornou selvagem no verão passado. Um dia, a Mary estava connosco e, depois, desapareceu... só com a Tox dentro do corpo e sem luz nos olhos. A Taylor passou esse dia com ela e teve de a imobilizar e de lhe meter uma bala na cabeça. Todos acham que foi por isso que desistiu do Turno do Barco, mas, quando a Lindsay a questionou sobre o assunto ontem, a Taylor bateu-lhe na cara com as costas da mão e ninguém falou do assunto desde então.

Isso não nos impediu de formular teorias. A Taylor diz que está bem, diz que tudo está normal, mas desistir do Turno do Barco não é normal, especialmente para ela. A professora Welch e a Reitora terão de destacar um novo terceiro nome em breve, alguém para a substituir.

— Talvez amanhã — digo. — Posso perguntar.

A Reese abre os olhos e endireita-se. Os seus dedos prateados palpitam.

— Não perguntes. Só vais irritar a professora Welch.

— Está bem — acedo eu. — Mas não te preocupes, aposto que vais ser tu.

— Veremos — responde a Reese. Não são as palavras mais simpáticas que já dissemos uma à outra, mas acredito que não ande longe.

// \

Nessa noite, a Byatt acabou os pontos no meu olho mas não consegui dormir. Olhei fixamente para a parte de baixo do beliche da Reese, onde a Byatt gravou as suas iniciais uma e outra vez. *BW. BW. BW.* Faz isso por toda a parte: no beliche, na sua mesa em todas as nossas aulas, nas árvores perto da água. Marca Raxter como sua e, às vezes, penso que, se me pedisse, eu deixaria que fizesse o mesmo em mim.

O silêncio alonga-se sem parar até que, perto da meia-noite, dois tiros quebram o silêncio. Fico tensa e espero, mas mal passa um instante antes de se ouvirem gritos do Turno de Tiro:

— Tudo bem!

Por cima de mim, a Reese ressona no beliche dela. A Byatt e eu partilhamos o de baixo, tão encostadas que até a consigo ouvir a ranger os dentes quando sonha. O aquecimento já foi desligado há algum tempo e dormimos tão próximas quanto conseguimos, vestindo os casacos e a roupa toda. Posso levar a mão ao bolso e sentir a bala aí dentro, a cápsula lisa.

Ouvimo-lo pouco depois da professora Welch distribuir as primeiras rondas do Turno de Tiro. As primeiras raparigas viram alguma coisa do telhado, mas não conseguiam concordar acerca do que tinham visto. Uma rapariga disse que era difuso e brilhante, movendo-se quase como uma pessoa, com passos lentos e ponderados. Outra disse que era grande demais para isso... Mas assustou-as que chegue para reunirem todas as raparigas do Turno de Tiro na sala mais pequena do primeiro andar, onde nos ensinaram a abrir uma bala,

a ignorar aquele estremecimento nas tripas e a engolir a pólvora como veneno, para o caso de algum dia quisermos morrer.

Em algumas coisas, começo a pensar no que poderia ser, no que poderiam ter visto e nessas alturas ajuda sentir a bala na minha mão e saber que estou a salvo do que quer que seja que tenham visto e do que as assustou. Mas, esta noite, a Mona é tudo o que consigo ver... A Mona a empunhar a arma, com ar de quem a quer apontar à cabeça .

Nunca tinha empunhado uma arma antes de Raxter. Havia uma em minha casa, às vezes... a pistola entregue pela Marinha ao meu pai, quando estava em casa... mas essa estava sempre trancada. A Byatt nunca sequer tinha visto uma ao vivo.

— Sou de Boston — disse ela, quando a Reese e eu nos rimos. — Não as temos à mão como vocês aqui.

Lembro-me disso porque quase nunca falava de casa. Nunca referia o assunto, como eu fazia sempre com Norfolk. Acho que nunca teve saudades. Raxter não nos deixava ter telemóveis e, se quiséssemos ligar para casa, tínhamos de fazer uma fila para usar o telefone fixo no gabinete da Reitora durante o intervalo da tarde. Nunca a vi lá, nem uma única vez.

Viro-me para olhar para ela, estendida a meu lado e já a dormir. Teria saudades de casa se fosse de uma família como a dela, de sangue azul e cheia de dinheiro. Mas essa é a diferença entre nós: a Byatt nunca quis nada que não tivesse recebido.

— Para de olhar para mim — resmungo, dando-me uma cotovelada nas costelas.

— Desculpa.

— És tão esquisita. — Ainda assim, entrelaça o dedo min-dinho no meu e volta a adormecer.

Devo ter adormecido depois disso porque não me lembro de nada e, a seguir, pestanejo e ouço o soalho estalar, ao mesmo tempo que me dou conta de que a Byatt já não está comigo no beliche. Está à porta, fechando-a atrás de si depois de entrar.

Não devemos sair dos nossos quartos à noite, nem mesmo para ir às casas de banho ao fundo do corredor. A escuridão é demasiado densa e o recolher da professora Welch é demasiado rigoroso. Apoio-me num cotovelo, mas estou coberta pelas sombras e aposto que ela não me terá visto. Em vez disso, para ao fundo da cama e, a seguir, sobe a escada até à cama da Reese.

Uma delas suspira e ouvem-se corpos a roçarem enquanto se encaixam e, a seguir, a trança amarela esbranquiçada da Reese pende do beliche dela, balouçando delicadamente por cima de mim. Move-se como penas a flutuar, cobrindo o teto com padrões difusos de luz.

— A Hetty está a dormir? — pergunta. Não sei porquê, mas abrando a respiração para me assegurar de que não fazem ideia de que as ouço.

— Sim.

— Que foi?

— Nada — responde a Byatt.

— Saíste.

— Sim.

A dor que aquilo me causa contorce-se no meu estômago. Porque não me levou com ela? É porque é a Reese quem tem

direito a ouvir aquilo? A Byatt não devia ver coisas na Reese que não consegue encontrar em mim.

Uma delas mexe-se, provavelmente a Byatt encostando-se à Reese, já que ela dorme sempre encostada, enquanto eu ando sempre com os dedos dela enfiados nos bolsos das minhas calças.

— Onde foste? — sussurra a Reese.

— Passear. — Mas eu sei ao que soa uma mentira. É impossível que tenha arriscado uma saída apenas para esticar as pernas. Temos disso que chegue todas as manhãs. Não. Há um segredo sepultado na voz dela e, normalmente, é comigo que ela os partilha. O que passou a ser diferente?

A Reese não responde e a Byatt continua.

— A professora Welch apanhou-me quando voltava.

— Bolas.

— Está tudo bem. Só fui lá abaixo ao salão.

— O que é que lhe disseste?

— Disse-lhe que ia buscar uma garrafa de água para a dor de cabeça.

A mão prateada da Reese puxa a trança para longe da minha vista. Consigo imaginar o brilho velado dos olhos dela, o ângulo forte do seu maxilar. Ou talvez ela se torne alguém mais fácil às escuras. Talvez se abra por inteiro quando pensa que não a veem.

Conheci-a no dia em que cheguei a Raxter quando tinha 13 anos, mas não 13 anos a sério. Os meus 13 anos não incluíam peito, ancas e presas expostas. Já tinha conhecido a Byatt no barco para a ilha e foi rápido e limpo. A Byatt sabia quem era e quem eu devia ser, pelo que se encaixava em todos os

sítios em mim que eu não conseguia preencher. A Reese era diferente.

Estava nos degraus do salão. A sua farda era demasiado grande e as meias pelo joelho estavam caídas à volta dos tornozelos. Não sei se já tinham medo dela ou se era outra coisa qualquer. Talvez o facto de ser a filha do faz-tudo significasse alguma coisa para elas que não significava para mim, mas as outras raparigas do nosso ano aglomeravam-se perto da lareira, tão longe dela quanto conseguiam estar.

A Byatt e eu passámos por ela a caminho de nos juntarmos às outras e a maneira como a Reese olhou para mim nesse momento... já irritada, já ardendo... Há poucas coisas de que me lembre tão bem.

Durante algum tempo, não houve nada entre nós as três. Só aulas e um aceno de cabeça aqui e ali no corredor a caminho do chuveiro. Depois disso, a Byatt e eu precisámos de uma terceira pessoa para o nosso trabalho de grupo de Francês, e a Reese era a melhor da turma (tinha passado à frente da Byatt nos testes anteriores), portanto escolhemo-la por isso.

Não precisámos de mais nada. A Reese ao nosso lado no jantar, a Reese ao nosso lado na reunião de início de dia e, se recordasse a forma como olhou para mim nesse primeiro dia, se reparasse no aperto que sentia no estômago sempre que dizia o meu nome, ignorava-o. Continua a não importar. Nunca nos aproximaremos mais do que isto. No beliche de cima, sussurrando na escuridão enquanto falava com outra pessoa qualquer.

— Achas — disse, algum tempo depois — que piora?

Quase consegui ouvir a Byatt a encolher os ombros.

— Provavelmente.

— Provavelmente?

— Não sei — diz a Byatt. — Sim. Mas não para todas. —

Um instante de silêncio e a sua voz outra vez, tão baixa que quase não a ouço. — Ouve. Se precisares de alguma coisa...

Ouçó o raspar das botas da Reese enquanto se vira.

— Desce — diz. — Não tenho espaço.

Às vezes, penso se seria diferente antes de a mãe dela se ir embora, se seria mais fácil chegar até ela. Mas não consigo imaginá-la assim.

Estremeço quando a Byatt se deita no nosso beliche, mas finjo que durmo e limito a virar-me para ficar de costas viradas para ela. Penso que olha para mim por um momento, mas não demora a adormecer depois disso. Só faço o mesmo quando o horizonte começa a iluminar-se.

### 3

O amanhecer chega rápido e frio, revelando uma nova camada de gelo nas janelas, acumulada entre as tiras dos estores. A Byatt e eu saímos da cama e tentámos deixar a Reese a dormir enquanto saímos para dar um passeio.

Os passeios eram só da Byatt, no início. Ela sozinha, dando voltas lentas pelo terreno. As outras raparigas costumavam cochichar sobre isso: diziam que tinha saudades de casa, que se sentia sozinha e transbordavam com piedade e riso. Mas percebi que a caminhada a animava, que a tornava alguém de quem queria aproximar-me. No fim do nosso segundo mês na escola, caminhava atrás dela e esperava ficar contagiada pelo mesmo efeito.

Hoje, o salão está vazio enquanto o atravessamos, sem contar com a rapariga que vigia as portas principais. A escola tem forma de chaveta, com uma ala recém-construída projetando-se de cada extremidade da velha casa. No primeiro andar ficam os dormitórios e um punhado de gabinetes e, no piso térreo, ficam as salas de aula, o salão e o gabinete da

Reitora num canto da chaveta, com a Reitora possivelmente lá dentro somando mantimentos e verificando os números.

Estendo a mão quando passamos pelo quadro de avisos e toco a mensagem sobre a cura no cabeçalho. É a parte que dá mais sorte e vê-se como a cor foi esbatida onde uma centena de raparigas tocaram o papel uma centena de vezes. Sorrio e imagino-me com a Byatt em alguma cidade soalheira algures, livres da Tox.

— Olá — diz a Byatt à rapariga na entrada, uma das mais novas que nos restam, com 13 anos. — Tudo bem?

— Sim. — A rapariga abre-lhe a porta sem a Byatt pedir. As pessoas são assim com ela, independentemente de como as trata.

A porta mal abriu cinco centímetros. É demasiado pesada para a rapariga abrir sozinha. Começam cedo no Turno da Porta... Se houver algum problema a sério, as raparigas do Turno de Tiro tratam do assunto, mas a responsabilidade de abrir e fechar a porta molda as raparigas mais novas da forma certa. Avanço e cubro as mãos dela com as minhas. Puxo e sinto a resistência da ferrugem cada vez mais abundante a cada temporada que passa. Será o nosso segundo inverno com a Tox, o meu terceiro em Raxter. Quantos mais terei?

— Obrigada. — Encosto o braço ao ombro dela para que não perceba que não me lembro do nome dela. — Até logo.

No alpendre, espero que a Byatt abotoe o casaco. A erva secou há muito e ali, gravadas no gelo que a cobre, há pegadas. Teriam algumas delas sido deixadas pela Byatt na noite passada?

— Portanto — digo eu. — Está frio cá fora.

Não responde. Ocupa-se com o botão de cima do casaco escondido por baixo do queixo enquanto saímos para o caminho empedrado até ao portão.

Tento outra vez, esperando não precisar de insistir demasiado. Gostava que me dissesse onde foi.

— Dormiste bem?

— Claro.

— Mexi-me muito?

— Não mais do que o costume.

Espero, dando-lhe outra oportunidade para me contar, mas não o faz.

— Acordei a meio da noite e não estavas lá.

A Byatt afasta-se do caminho, virando à esquerda. Vamos sempre por ali.

— Sim?

— Sim.

A princípio, acho que não me vai contar... Nem sempre me conta, mesmo que eu lhe conte tudo. Mas para, olha-me nos olhos e diz:

— Falaste durante o sono.

Aquilo está tão longe do que esperava, que abro a boca de espanto.

— Falei?

— Sim. — Há uma mágoa delicada preenchendo-lhe a expressão, como se não soubesse ao certo se queria que eu a visse. — Não sei com que sonhavas, mas disseste... uma coisa.

Não disse. Sei que não, mas não quero afirmá-lo, pois não percebo onde ela quer chegar com aquilo.

— Que disse eu?

Faz uma careta e abana a cabeça.

— Não foi uma coisa que queira ouvir outra vez. Deixemos isto assim.

Por um momento, sinto-me exatamente como ela quer que me sinta: demasiado ansiosa, demasiado culpada para insistir. Mas não é real. Estava acordada e vi-a.

— Oh — digo. — Tens a certeza?

É o máximo que consigo de um confronto. Se eu a pressionar demasiado, sei que ela vai perder o controlo. Vi-a fazê-lo uma centena de vezes com professoras, quando uma de nós se esqueceu do trabalho de casa, com visitas de estudo quando a professora Welch a apanhou a falsificar a assinatura da minha mãe. A Byatt mente tão bem. Mas, normalmente, mente por mim.

— Sim — responde, com o tremor adequado na voz. — Não faz mal, está bem? Subi ao beliche de cima para dormir com a Reese.

Aquilo era verdade, finalmente. Mas que segredos fará sentido guardar em Raxter? Todas temos as mesmas histórias de terror escritas nos nossos corpos, as mesmas dores, as mesmas carências e ânsias.

— Desculpa — digo. Não posso fazer nada além de alinhar. — O que quer que seja que eu tenha dito, sabes que és a minha melhor amiga.

A Byatt anima-se imediatamente e passa um braço sobre os meus ombros para me puxar para ela. Recomeçamos a andar com passos sincronizados.

— Sim — diz ela. — Eu sei que sou.

«Tudo o que há aqui quase me destrói:  
o vazio do horizonte, a fome no meu corpo  
e perceber como conseguiremos sobreviver àquilo  
se não conseguimos sobreviver umas às outras.»

Há dezoito meses, a escola feminina da ilha de Raxter foi posta em quarentena. Dezoito meses em que Hetty e as suas colegas sobrevivem a algo tão desconhecido quanto sangrento.

Começou devagar e sem aviso. Primeiro, morreram as professoras, uma por uma. Depois, as alunas foram infetadas e os seus corpos mutilados pela doença. Disseram-lhes unicamente para aguardarem, em isolamento e à mercê da epidemia, até que uma cura fosse encontrada. É assim que, desde então, três amigas, Hetty, Byatt e Reese, sobrevivem.

Mas um dia, Byatt desaparece sem rasto e Hetty, desesperada, faz tudo para encontrá-la, inclusive quebrar a quarentena. Contudo, há uma outra razão para as saídas da escola terem sido proibidas. Lá fora, na escuridão da floresta, a epidemia tornou a ilha selvagem, escondendo horrores inimagináveis...

... e monstros desejosos por sangue fresco.

«O burburinho em torno deste *Senhor das Moscas* é ensurdecedor, mas nós juntamo-nos ao coro: esta saga incrível... será, sem dúvida, uma das obras mais comentadas dos últimos tempos.»

*Entertainment Weekly*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-199-4



9 789895 641994

Literatura Traduzida

